

Subsídios em torno da produção cronística da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (séc. XVII-XIX)

Por

Jorge GONÇALVES GUIMARÃES

Os anos de quinhentos e seiscentos, em boa parte devido aos novos ritmos religiosos e espirituais gerados quer pela reforma do movimento observante quer pelo ambiente contra-reformista católico, a que não foi certamente estranho o sucesso da imprensa em Portugal, conheceram um notável número de obras de espiritualidade publicadas. Nesse vasto leque de literaturas de espiritualidade os textos historiográficos associados às ordens religiosas, particularmente a cronística, foram um segmento de assinalável importância cujo objetivo maior almejava divulgar a qualidade e o rigor no cumprimento das observâncias, assinalar o prestígio devocional e social dos respectivos institutos religiosos e a preservação da memória de sucessos missionais, tanto em espaços internos, isto é, no território nacional, como em territórios ultramarinos.

Entre 1543, data em que foi publicado na oficina de Luís Rodrigues o *Libro de la verdad de la fe*, de Frei João Soares, e 1642, ano em que, em Lisboa, da autoria de Frei António da Purificação, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, foi dada à estampa nos prelos Manuel da Silva, a primeira parte da *Chronica da Antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho de Hipponia, & Principal Doutor da Igreja*, se se considerarem os títulos a que se encontram ligados diversos Agostinhos, é possível recensear-se um total de sessenta e oito edições. Um número bem considerável para a época ao qual se associaram nomes tão prestigiados como os de Frei Diogo Lopes de Andrade, Frei António Gouveia, Frei Aleixo de

Meneses, Frei Sebastião Toscano, Frei Luís dos Anjos, Frei Filipe da Luz, Frei Tomé de Jesus, Frei Duarte Pacheco, Frei Manuel Leal, entre outros¹.

Contudo, em aparente contradição, a preservação da memória não parece ter sido uma preocupação maior dos Agostinhos da província lusa.

Ao contrário do que aconteceu noutras ordens religiosas que, antes daquele ano de 1642, lograram produzir cerca de onze títulos que podem ser categorizados como historiográficos, dos quais nove foram impressos em Portugal², detecta-se na Província Portuguesa da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho um demorado atraso na publicação de uma crónica³. Acresce ainda que uma significativa maioria das obras dos religiosos agostinhos, com particular relevância para a história da Ordem ou dos seus religio-

¹ Destaque-se que ao longo dos séculos XVI e XVII os Eremitas de Santo Agostinho, no conjunto das chamadas literaturas de espiritualidade das diversas ordens, contam cerca de 131 obras impressas. Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO (dir. de), *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal. 1501 -1700*, Porto, Faculdade de Letras do Porto/Instituto de Cultura Portuguesa, 1988.

² Percorrendo as referências oferecidas pelas principais obras bibliográficas, descobrem-se os seguintes títulos de natureza historiográfica impressos em data anterior à citada crónica de Frei António da Purificação: Ordem dos Frades Menores: Frei Marcos de LISBOA, *Primeira Parte das Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa, João Blávio, 1557; *Parte segunda das Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa, João Blávio, 1562; *Tercera parte de las Crónicas de la Ordem de los Frayles Menores*, Salamanca, Alexandre de Canova, 1570; *Cuarta parte de la Crónica General de Maestro seráfico Padre S. Francisco y su Apostolica Orden*, Valladolid, Diego Fernández de Cordova, 1611. Ordem dos Pregadores: Frei Juan de la CRUZ, *Crónica de la Orden de Predicadores*, Lisboa, Manuel João, 1567; Frei Maria do BAPTISTA, *Livro da fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa e de algumas coisas dignas de memória que nele aconteceram*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1618; Luís de CÁCEGAS, *Historia de S. Domingos. I Parte*. Conuento de S. D.^{os} por Giraldo da Vinha, 1623; Frei Luís de SOUSA, *Primeira parte da Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal por Fr. Luís Cacegas da mesma Ordem & Prouincia & Cronista della. Reformada em Estilo & Ordem & Ampliada em Sucessos & Particularidades[...]*, Impressa no Conuento de S. D.^{os} por Giraldo da Vinha, 1623. Companhia de Jesus: P. Sebastião GONÇALVES, *Primeira parte da historia dos religiosos da Comp.^a de Jesus e do que fizeram com divina graça na conversão dos infieis à nossa sancta fee catholica nos reynos e provincias da India Oriental*. Composta pelo P. e Sebastião Gonçalves religioso da mesma Comp.^a [...], 1614 [Manuscrito]. Ordem do Carmo: Frei Simão COELHO, *Compendio das chronicas da Orde[m] de Nossa Senhora do Carmo [...]: com exposiçam da Regra da dita Ordem...agora nouame[n]te copillado per frei Simão Coelho [...]*, [Lisboa], per Antonio Gonçaluez, 1572. Ordem de Cister: Bernardo de BRITO, *Primeyra parte da Chronica de Cister: onde se contam as cousas principais desta religião com muytas antiguidades, assi do Reyno de Portugal como de outros muytos da christandade [...]*, Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1602. Ordem das Clarissas: Catarina ESPÍRITO SANTO, *Relación de como se há fundado en Alcântara de Portugal, junto a Lisboa, el muy devoto monasterio de N. Señora de la Quietación*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1627.

³ Frei António da PURIFICAÇÃO, *Chronica da Antiquissima Província de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho de Hipponia, & Principal Doutor da Igreja*, Primeira Parte, Lisboa, Manuel da Sylva, 1642.

sos mais ilustres, não chegou a ser impressa. Compulsando a fundamental *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa Machado, pode mesmo concluir-se que, acerca de uma boa parte dessas obras, apenas se tem um conhecimento referencial, situação tanto mais surpreendente porquanto a cronística e a hagiografia foram, nesta época, dois meios privilegiados de, por um lado, exhibir junto dos meios políticos, religiosos e intelectuais os sucessos de uma reforma relativamente recente protagonizada por Frei Luís de Montoya e Frei Francisco de Vilafranca, e, por outro, proporcionar ao leitor devoto, bem de acordo com as orientações emanadas do grande concílio da contra-reforma, uma narrativa edificante destinada ao deleite e ao ensino pelos *exempla*, sobretudo se tivermos em conta o considerável peso que, nestes textos quinhentistas e seiscentistas, é oferecido às compilações de conteúdo fortemente hagiográfico, frequentes vezes não muito distante de uma tradição medieval que remonta à famosa *La Legende Dorée* de Jacques Vorigne.

Em diversas obras de carácter historiográfico ou hagiográfico de autores agostinhos é possível detectar-se uma repetida denúncia de alguma falta de zelo no sentido de ser concluída uma crónica da Província. A mais esclarecedora e que indubitavelmente terá mobilizado os seus esforços de registo biográfico⁴, nos quais outros autores viriam a colher estreita inspiração⁵, é dada por Fr Aleixo de Meneses. Numa cópia de um texto da sua autoria denuncia, por falta de elementos, não só o desconhecimento da história da Ordem em Portugal e daqueles que nela se evidenciaram, mas também a perda de documentação resultante de varejos feitos por diversos religiosos nos cartórios de alguns conventos tendo em vista a organização de uma crónica geral cujo sucesso não foi certamente o esperado:

«Da antiguidade da Provincia de Portugal nem do tempo em que nossos religiosos entrarão naquelle reino não temos serteza algua. So estou advertido que li nos papeis, que com muita verdade tinha junto o padre frei João de São Josef, que em tempo DelRei Dom Afonso Anriques primeiro rei de Portugal vierão nossos religiosos de França cuidou ou doutra parte que alli nomeia. [...] Dos beatos e servos de Deus da nossa provincia e nação há mui pouca memoria e menos curiosidade antee nos de saber delles, e oje me parece que não

⁴ A noção de “biografia”, considerando que nos textos desta época o que é perseguido pelos diversos autores é em bom rigor uma exemplar imagem da vida daquelas personagens que, vazada numa construída narrativa, se destinava a fornecer ao leitor um modelo referencial, deverá aqui categorizar-se preferencialmente como representação biográfica.

⁵ Refiram-se, por exemplo, os nomes de Frei Luís dos Anjos, Frei Duarte Pacheco, Padre Jorge Cardoso e Frei António da Purificação.

avera delles nada porque Romano colhia tudo que agora deve ser perdido. E entendo eu que avia de morrer sem fazer nada.»⁶

Idêntica ideia se colhe na lamentação que Frei António da Purificação na *Chronica da Antiquissima Provincia de Portugal* [...] exhibe acerca das ordens religiosas em geral e dos Agostinhos em particular, sobretudo quando, sublinha o cronista, comparada a riqueza dos seus feitos e personagens ilustres com a falta de memórias que impedissem o esquecimento:

«& ainda que este descuido se verifica bem nas outras Religiões deste Reyno, tão cheas de varões sanctos, & dignos de terno nome; com tudo nesta nossa se vê mais claramête [...] E assi quando ponho os olhos na antiguidade desta Prouincia, & nas muitas cousas, que nela tem passado desde sua primeira fundação até nossos dias, & o pouco, que acho escrito, jũto cõ a fraqueza de minhas forças, & talêto, fico esmorecido»⁷

⁶ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (B.G.U.C.), Cod. n.º 436, fls. 1-2. Existe outra cópia no Arquivo Nacional/Torre do Tombo (A.N./T.T.), Manuscritos da *Livraria*, n.º 581, fl. 60 e seg. O contacto com este último texto permitiu concluir que o códice depositado em Coimbra é apenas uma parte de outra obra maior de Frei Aleixo de Meneses referenciada por diversos autores sob o título genérico de *Memórias da Ordem*. As diversas “vidas” que se podem visitar naquele códice conimbricense foram transcritas e publicadas por Carlos ALONSO em: «Vida del beato Gonzalo de Lagos por Alejo de Meneses, OSA, arzobispo de Goa», in *Archivo Agustiniiano*, vol. 72, n.º 190, 1988, pp. 275-298; «Escritos hagiográficos de Alejo de Meneses, arzobispo de Goa y Braga († 1617), in *Analecta Augustiniana*, vol. 59, 1996, pp. 235-290.

⁷ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, fls. 18v-19. À medida que se progride na leitura do texto detectam-se, além de inúmeras referências a perdas documentais resultantes de acidentes nos cartórios, frequentes denúncias quanto ao pouco cuidado na criação de registos que pudessem alimentar uma memória da Ordem. Como ilustrativo pode referir-se, dada a sua importância, o caso do convento de Vila Viçosa acerca do qual esclarece que «alem do descuido geral nos nossos antigos, se perderaõ algũas escrituras do seu cartório» (*idem, op. cit.*, II, fl. 204).

Mais tarde, já no séc. XVIII, Frei Faustino da Graça, em *Campos do Ermo dos Filhos de S^{to} Augustinho da Congregação da India Oriental Plantado Regado e Brotado* [...], obra que permanece ainda na forma manuscrita, também assinala um défice de memórias que permitissem alimentar a organização de uma história da Ordem: «Os escritores da nossa ordẽ, que nos primeiros annos escreveraõ pola memoria que delles hauia saõ poucos os que se sabem» (Biblioteca Pública de Évora, Cod. CXVI/1-13, pp. 513-514).

Outro elemento, embora respeitante à deficiente produção de registos escritos relativos à administração da Província, é-nos igualmente fornecido, já em 1835, por Frei Domingos Vieira no *Catalogo dos Piores Provincias desta Província de Portugal da Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, Bispo de Hipponia e Doutor da Igreja. Com a successão da antiga Familia Augustiniana depois que a Religião Eremítica entrou neste reino até a reuniaõ geral da Ordem*, fl. 44 (Biblioteca do Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição (S.M.N.S.C), Ms. 129). Nesta obra, que juntamente com outras duas do mesmo autor se conservam ainda na forma manuscrita (*vide* notas 26 e 45), é assinalado que o registo de profissões foi iniciado em 1528 por iniciativa de Frei Cristóvão Tibão (Provincial entre 1531 e 1534): «Este P. M.^e he o A[utor] do Livro das Profissoes que principia em 1528, e não havia em seus dias, como ele mesmo diz na douta Prefação ão d.^o Livro, em q mostra a necessid.^e de transmittir ãos vindouros as cousas dignas de memoria [...] He feito a rogo do religioso e

A recorrência de insucessos no que toca à preservação da memória histórica da Ordem terão mesmo justificado que o mesmo autor, no «Prologo» da inaugural *Chronica...*, ofereça ao leitor um detalhado historial de desvios ou perdas documentais ocorridas na sequência de determinações de diversos Gerais para que fosse escrita uma crónica geral que, em bom rigor, nunca chegou a ser concluída. Assim, Frei Egidio de Viterbo, em 1512, mandou recolher documentos da Província de Portugal; no ano de 1553, por ordem de Frei Cristóvão de Pádua, procedeu-se a idêntica recolha que teve como fruto «hum breue index, a que seu author Dom Fr. Ioseph Pamphilo chama Chronica da ordẽ de Sancto Agostinho, e taõ sucinto que não ocupa mais, que 36 folhas de papel»⁸. Muitas foram também as perdas resultantes das pesquisas de vários religiosos que por ordem dos seus superiores recolhiam documentos para escrever memórias. De entre esses religiosos destaca-se Frei João de São José⁹ que terá fornecido vários documentos a Frei Jerónimo Román¹⁰. O próprio Román terá, aquando das suas estadas no nosso país¹¹, recolhido e levado consigo

Reverendo P.^e Fr. Antam de S. Maria, Prior da Graça, e ainda governando o mui Rev. P. Fr. Andre Torneiro; e a Prefaçã, ou proemeal exhortaçã, como lhe chama, he assinada aos 6 de Maio do anno do Senhor de 1528. Seu exemplo foi seguido constantemente ate o meu tempo» (*op. cit.*, fls. 44v-45). Ainda que a informação não esteja correcta, pois data de 1513 a colecção de idênticos registos mais antiga, referente ao convento de Vila Viçosa (Cf. Carlos ALONSO, «Las Profesiones Religiosas en la Provincia de Portugal durante el periodo 1513-1631», in *Analecta Augustiniana*, vol. 48, 1985, pp. 331-389), testemunha, mesmo assim, as sérias dificuldades sentidas por aqueles que foram incumbidos de recuperar a memória histórica da província.

⁸ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, fl. 19v.

⁹ Filho de Afonso de Aboim e Brites Pires da Serra, Frei João de São José nasceu em Tentugal e professou no Convento de N. S. da Graça de Lisboa a 3 de Abril de 1544, onde chegou desempenhar os cargos de Mestre de Noviços (1569) e Subprior (1573). Mais tarde foi prior no convento de Tavira, local viria a morrer no ano de 1580 (Cf. Diogo Barbosa MACHADO, II, pp. 675-676). Notabilizou-se pela sua dedicação aos estudos de história tanto eclesiástica como secular, área em que se notabilizou com a *Corografia do Reyno do Algarve dividida em quatro liuros pera mor declaração da obra. Escrita pello R. P. Fr. João de São Jozê da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho da Prouincia de Portugal no anno de 1557*, do qual se conservou uma cópia do séc. XVIII (Biblioteca Nacional [de Lisboa], Cod. n.º 109).

¹⁰ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, fl. 19v.

¹¹ Depois de uma presença no nosso país em 1568, Frei Jerónimo Román deu à estampa a *Chronica de la orden de los Ermitanos del Glorios Padre Sancto Augustin, Diuidida en Doze Cẽturias, Salamanca, en Casa de Ioan Baptista de Terra Noua*, 1569, que, por estar dividida em *Centurias* ficou conhecida por esse nome. Em 1572 sairia a público a *Primeira parte de la historia de la orden de los frayles hermitaños de Sant Augustin*, obra que, no mesmo volume inclui um *Defensorio* da antiguidade da ordem. A forte ligação deste autor à Província de Portugal é atestada pelo facto de aquela ser dedicada a Frei Gaspar do Casal, Bispo de Leiria, e esta a frei João Soares, Bispo de Coimbra. Para além das *Republicas do Mundo*, em 1575, e da *Historia de Frei Luis de Montoya*, publicaria ainda, no ano 1595, servindo-se dos trabalhos de Frei Jerónimo Ramos e Frei Nicolau Dias, a *Historia de los religiosos Infantes de*

abundante material relativo à história da Ordem que, refere o cronista, provavelmente se terá perdido:

«No arquiivo do Conuento de Torres Vedras achei estes annos atraz hum [documento] assinado deste Padre, em que se obrigaua a restituirlhe hũs papeis de importancia dentro de certo tempo; mas elles atê hoje não tornarão. Nem elle nas suas obras chegou a fazer menção da menor parte, do que nelles se continha»¹².

Nova delapidação do património documental terá ocorrido quando em 1632, um religioso da Andaluzia, Frei Agostinho de S. Nicolau, compulsou alguns cartórios levando consigo, para entregar a Frei Pedro del Campo, parte substancial da documentação que se encontrava no colégio de Braga «aonde estavaõ muytas antiguidades da ordem escritas pelo Reuerendissimo senhor

Portugal onde são exaltadas as vidas da irmã de D. Afonso V e do Infante D. Fernando (Cf. Augusto Cardoso PINTO, *Frei Jerónimo Román e os seus Inéditos Sobre História Portuguesa*. Lisboa: [s.n.], 1938, pp. 7-9). Gregorio de SANTIAGO VELA refere ainda, respeitantes ao nosso país, as seguintes obras: *De las tres ordenes militares de Portugal (Cristo, Avis e Santiago)*; *Historia de la Real Casa y Manasterio de Santa Cruz de Coimbra*; *Historia de Braga*; *Historia do Convento de Alcobaça*; *Historia de la Serenissima Casa de Braganza (Ensayo de una Biblioteca Ibero-Americana de la Orden de San Agustin*, vol. VI, Madrid, Imp. del Asilo de Huerfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1922, pp. 660 e seg.). Assinala-se ainda, embora tendo permanecido na forma manuscrita, uma outra referenciada sob o título de *Parte Segunda de la Catholica Historia de los Santos de Espanha, ordenada por Hieronimo Roman Fraile professo de la orden de los Ermitanos de San Augustin, y su chronista general*. Della faz referência Jorge Cardoso no *Agiolégio Lusitano...* a propósito da Madre Margarida de Jesus: «escreve della F. Hieronimo Romano na 2ª p. da Hist. Dos Sanctos de Hesp. A quem parece seguirão D. F. Aleixo de Menezes no tratado dos Sanctos da Ordem, e F. Luis dos Anjos no jardim de Portugal. F. Pedro Caluo nas lagrimas dos justos l. 12. c. 12 F. Antonio da Natiuidade na Silua de suffragios em varios lugares [...]» (Cf. Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em Virtude do reino de Portugal, e suas Conquistas ...*, Tomo I, Lisboa, na Off. Craesbeekiana, 1652, p. 61). Embora Jorge Cardoso estabeleça uma filiação do texto de Frei Aleixo de Menezes no de Jerónimo Román, os dados de que dispomos e a comparação dos dois textos apontam precisamente no sentido inverso. O Arcebispo de Goa afirma que forneceu diversos documentos ao cronista espanhol, provavelmente quando, entre 1588 e 1590, foi Prior do Convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras (A.N./T.T., Ms. da *Livraria*; n.º 581, fl. 61-61v; B.G.U.C., Cod. n.º 436, fl. 2 – 2v). Ora entre 1587 e 1590 ou 1592 Román esteve no nosso país tendo privado durante cerca de quatro meses com o Arcebispo de Braga, Frei Agostinho de Jesus (provincial entre 1570 e 1572) de quem recebeu numerosos elementos (Cf. Augusto Cardoso PINTO, *op. cit.*, p. 8-9).

¹² Frei António da Purificação, *op. cit.*, I, fl. 20. Uma nota de idêntico teor, da autoria de Frei Aleixo de Meneses, havia já mencionado Frei Jerónimo Roman como responsável pela perda de parte considerável da documentação existente: «O Padre Romano colhia todos estes papeis pera a istoria geral que não acabou. E elle morreo e de seus papeis se fara na sua provincia mui pouco caso como se fazia delle; tudo deve ser perdido» (A.N./T.T., Ms. da *Livraria*; n.º 581, fl. 60-60v; B.G.U.C., Cod. n.º 436, fl. 1-1v.)

Arcebispo Primaz Dom Frey Agostinho de Jesus»¹³. Contudo, uma vez mais, parte do material acabou por se perder e os que foram restituídos, esclarece o cronista, revelaram-se de somenos importância¹⁴.

De todos estes varejos, o de Frei Aleixo de Meneses terá sido o único a revelar-se proveitoso, dele resultando

«hum tratado, q fez da antiguidade da nossa Ordem. E tambem este tratado senão imprimio, pelas muytass, e grãdes occupaçoẽs de seu Author. Cõtudo não deixou de todo de se lograr tão precioso trabalho; porque vendose depois Arcebispo em Madrid, com a Presidencia do Cõselho Real deste Reyno, mais impossibilitado, pera lhe pôr as ultimas mãos, o entregou ao P. M. Fr. Joã Marquez¹⁵ Cathedratico de Salamãca, o qual delle tirou a mayor parte, do q diz no seu doutissimo liuro da origem de nossa Religiaõ, como se vê cõferindo com elle hẽ traslado, ou original, que tenho em meu poder da letra do mesmo Arcebispo»¹⁶.

Tudo indica que o referido “tratado da antiguidade da ordem” corresponda ao texto que, em cópia que parece ser do séc. XVII, se encontra na coleção dos Manuscritos da Livraria¹⁷, ao qual se segue um outro¹⁸ não

¹³ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, fl. 20v

¹⁴ *Idem, ibidem.*

¹⁵ Trata-se da obra *Origen de los frayles ermitaños de la Orden de San Agustín y su verdadera institucion antes del gran Concilio Lateranense. Al Excelentísimo Señor Don Francisco Gomez de Sandoual... Por el Maestro Fr Ioan Marquez de la mesma Orden, Predicador del reye nuestro Señor y Catedratico de Vesperas de Teologia de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, en la imprenta de Antonia Ramirez, 1618.

¹⁶ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, fl. 20. Com efeito esta obra de Frei Aleixo de Meneses, que até à data do presente estudo pensávamos subsumida ao cod. 436 da B.G.U.C. (vide nota 6), apresenta-se, como veremos noutro estudo, a maior e mais sólida compilação de elementos, justificando já as múltiplas referências de autores como Jorge Cardoso ou D. Rodrigo da Cunha, já os encómios que lhe foram dirigidos.

¹⁷ *Da antiguidade da Ordem dos hermitaões do Nosso Pe Santo Agostinho nestes Reinos de Portugal, e de quando entrou em Espanha. Pelo S.ºr D. Fr. Aleixo de Meneses.* (A.N./T.T., Ms. da Livraria, n.º 581, fls. 1-53). Ainda que se trate de uma cópia, tudo indica tratar-se do texto que o autor da *Biblioteca Lusitana* refere como tendo o mesmo título (Cf. Diogo Barbosa MACHADO, *op. cit.*, vol. I, p. 91). Além de alguns elementos no interior do próprio texto remeterem para o arcebispo de Goa, depois de Braga, várias notícias que se podem colher na *Chronica* de Frei António da Purificação, assinaladas pelo cronista como tendo sido colhidas no texto de Frei Aleixo de Meneses, revelam de facto uma estreitíssima filiação entre os dois textos. Como ilustrativo refira-se um traslado de um documento relativo ao primitivo convento de Lisboa situado no Monte de S. Gens. No manuscrito depositado na Torre do Tombo (fl. 43v) pode ler-se uma explicação para o facto de na cópia do documento terem sido deixados alguns espaços em branco. Ora na cópia vazada na crónica de Frei António da Purificação para além da indicação do texto de Frei Aleixo de Meneses como fonte, podem detectar-se exactamente as mesmas lacunas (Cf. *op. cit.*, I, fls. 105v-107).

¹⁸ A.N./T.T., Ms. da Livraria, n.º 581, fls. 55 – 345: *Dos Varoens illustres desta Provincia com outras m.ias memorias della, e da Ordem.*

menos importante por ter também permanecido inédito. Trata-se de uma obra de natureza fundamentalmente biográfica, que, em múltiplos aspectos, alimentou as investigações de Jorge Cardoso¹⁹, citando-a preferencialmente a outras nela esteitamente inspiradas.

Acompanhando o inventário fixado por Frei António da Purificação, segue-se o referencial nome de Frei Luís dos Anjos²⁰, célebre autor de *Jardim de Portugal*, que também, durante largos anos, revolveu os cartórios dos conventos em busca de elementos que alimentassem uma crónica, obra que, por morte do seu autor, não conheceu termo e, por alguma incúria na preservação do que havia sido compilado, acabou por se perder:

¹⁹ A propósito de uma “vida” de Beatriz Vaz de Oliveira informa que «escreveu sua vida, i exercícios spirituaes D. F. Aleixo de Menezes Arcebispo Primas, a qual epilougou Fr. Luís dos Anjos» (Jorge CARDOSO, *op. cit.*, vol. I: p. 64). A respeito de Frei Martinho de Santarém atesta que «sua vida escreue D. F. Aleixo de Menezes no Catl. Dos Sanctos da ordem. Fr Hieronimo Romano, & F Luís dos Anjos» (*Idem, ibidem*, p. 176). A propósito de um tal Frei Gaspar, religioso leigo do convento de Penafirme pode ler-se: «Depois que D. F. Aleixo de Menezes escreueu o trattado, que nos deixou dos varoês illustres em santidade da Eremitica Família Augustiniana, falleceo em Pena-firme F. Gaspar, & por isso no ditto liuro senaõ faz menção delle» (*Idem, ibidem*, p. 144). Neste excerto, se por um lado enaltece a figura do religioso leigo, esclarece-se igualmente um encómio à compilação “vidas” escrita por Frei Aleixo de Menezes, apresentada como completíssima. Finalmente, sobre Fr Francisco de Vila Franca, informa que «trattão de F Francisco de Villa-franca o P. Roman [...] Herrera [...] Pacheco [...] Purificação [...] Màris [...] F. Thome de Iesus, & D. F. Aleixo de Menezes» (*Idem, ibidem*, p. 264).

Também Frei Luís dos Anjos refere a propósito de Beatriz Vaz de Oliveira que Frei Aleixo de Menezes «fez uma história mui copiosa em que estão vários exercícios que fazia e muitas mercês que Deus fez aos que se encomendavam em suas orações» (*Jardim de Portugal*, pp. 301-302). Finalmente, na *Historia Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, de D. Rodrigo da Cunha (Reprodução fac-similada com apresentação introdutória de José Marques, Vol. II, Braga, [s.n.], 1989, p. 447), podem igualmente encontrar-se importantes referências a este fundamental investimento hagiográfico de Frei Aleixo de Menezes.

²⁰ De origem nobre, filho de Gaspar Rodrigues e Maria Botelho, Frei Luís dos Anjos nasceu no Porto em data que não é possível precisar. Professou no Convento da Graça de Lisboa a 13 de Setembro de 1591. Exerceu importantes funções no ensino em diversos conventos “ditando” Teologia Especulativa e Positiva. Uma relação bem próxima do Arcebispo de Braga, Frei Aleixo de Menezes, adivinha-se pela circunstância de ter sido seu confessor. Em 28 de Dezembro de 1608 foi nomeado cronista pelo Geral, Frei João Baptista de Aste. Morreu em Coimbra a 8 de Janeiro de 1625. Além do *Jardim de Portugal em que se da noticia de algũas Sanctas, & outras molheres illustres em virtudes....*, publicado pela primeira vez em 1626 e conhecendo, em 1999, sob a responsabilidade de Maria de Lurdes Correia Fernandes, nova edição enriquecida com estudo introdutório, escreveu ainda uma *Historia Geral da Ordem de Santo Agostinho, que comprehende o primeiro século*, trabalho que não chegou a passar pelos prelos, sendo mais tarde, como é sugerido por diversos autores, apropriada por Frei Pedro del Campo que, com algumas adições, a publicou com o seu nome em Barcelona em 1640. Terá ainda organizado uma colecção de anotações às *Centúrias* de Fr Jerónimo Roman (Frei António da Purificação, *op. cit.*, II, fl. 71v). Na colecção de manuscritos da *Livraria*, na Torre do Tombo, sob o n.º 1623, conserva-se a *Chronica de la Orden de San Augustin*, Parte 1ª, 1620, da qual trataremos noutra espaço.

«se perdeo muita parte de seus escritos, e dos papeis e notados, que com grande trabalho, e despezas tinha junto, e colhido das mais das Prouincias de nossa Religião. A causa foy em parte a muita humidade do lugar, em que forão depositadas, e tambem a indiscreta curiosidade de algũs, que por lerem o que melhor lhes parecia, os esperdiçarão»²¹.

No estado actual da nossa investigação somos levados a crer que os manuscritos de Frei Luís do Anjos, incluindo alguns de considerável importância que muito provavelmente lhe terão sido fornecidos por Frei Aleixo de Meneses²², estiveram “armazenados”, a maior parte deles por encadernar, na livraria do convento de Coimbra de onde terão sido, por empréstimo, levados para Castela em Outubro de 1631 por um tal Frei Agostinho de S. Nicolau²³. Na mesma altura foram também levados vários outros livros²⁴, circunstância que de alguma forma esclarece os recorrentes lamentos de Frei António da Purificação quando, cerca de dois anos mais tarde –altura em que, na qualidade de cronista oficial da Ordem, iniciou as suas pesquisas–sentiu sérias dificuldades em coligir dados que engrossassem a sua narrativa cronística. Por esse motivo, tais queixas não deverão ser entendidas, como poderá uma primeira análise sugerir, no quadro de uma mera estratégia retórica justificativa para a existência de algumas lacunas documentais.

Seguindo a ordem cronológica, apresenta-se Frei Bartolomeu de Azevedo²⁵. Os testemunhos sobre a sua pessoa enquanto religioso esclarecem uma exemplaridade digna de nota. Convocando as palavras de Barbosa Machado, «observou com grande exaçaõ as suas obrigaçoens de religioso», qualidades também sublinhadas mais tarde por Frei Domingos Vieira referindo-se a um episódio em que é destacado o elevado sentido de coragem revelado num incêndio²⁶.

²¹ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, f. 20.

²² Numa carta, escrita em Goa a 24 de Dezembro de 1608, dirigida ao provincial e definidores da Província, Frei Aleixo de Meneses informa ter várias notícias ou memórias relativas à história da Ordem que enviará a Frei Luís dos Anjos: «Tenho m^{tas} outras curiosidades da ordẽ, q tendo tempo p^a as alimpar mandarei a fr Luís dos Anjos» (A.N./T.T., Ms. da Livraria, n.º 581, fl. 387).

²³ A.N./T.T., Ms. da Livraria, n.º 673, fl. 394.

²⁴ A.N./T.T., Ms. da Livraria, n.º 673, fl. 393v.

²⁵ Natural de Évora e filho de António Rodriguez de Azevedo e D. Antónia Pereira, professou a 4 de Abril de 1595 no convento da Graça de Lisboa (A.N./T.T., Ms. da Livraria, n.º 865, fl 1 da segunda série de numeração). Em 1632 foi Reitor do Colégio da Graça de Coimbra e definidor da Província. Morreu no convento onde havia professado a 6 de Agosto de 1640 (Diogo Barbosa MACHADO, *op. cit.*, I, p. 459).

²⁶ «No anno de 1600 havia na Caza de Saúde /em Lx^a/ mais de 3 [entos] enfermos, e por não acabarem mandou a Cidade fazer huns alpendres de taboas para os feridos, que hiaõ melhorando. Succedeo, que huma Enfermeira por descuido poz huma vela junto à hum destes

Entre as obras que escreveu, destaca-se, assinalada pelo autor da *Biblioteca Lusitana*, uma *Chronica Geral da Ordem de Santo Agostinho*²⁷ que não chegou a ser impressa, não sendo possível estabelecer, caso tenha sido concluída, uma qualquer cronologia para a sua produção. Este desconhecimento estende-se igualmente a uma qualquer eventual circulação que, na íntegra ou em partes, poderá ter tido, salientando-se todavia que, dado ser anterior à crónica de Frei António da Purificação, seria de esperar, caso tivesse conhecido uma versão definitiva, que este autor a ela se referisse nos diversos espaços textuais em que, perseguindo estrategicamente argumentos de autoridade, convoca os referenciais autores visitados ou assinala os infrutíferos esforços que deveriam ter gerado uma monumental crónica. O próprio facto de a Frei António da Purificação, em 1633²⁸, ter sido confiada a tarefa de organizar um crónica da Ordem, para que «as cousas memorauéis della, que andauão já tão diminuídas, não viessem de todo a perder-se», reforça a nossa suposição de aquela outra ter ficado inacabada, sustentando-se destarte a possibilidade de a referência assinalada por Barbosa Machado padecer de alguma falta de rigor.

Percorridos inúmeros títulos a que conduzem os “Instrumentos de Descrição Documental” da Torre do Tombo, não lográmos encontrar o título fornecido pelo autor da Biblioteca Lusitana mas sim um outro: *Anotações á seg_da, terceira, e quarta parte da chronica da Or_m dos Eremitas do glorioso Patriarcha das Religoens nosso padre S. Agustinho*²⁹. Estendendo-se ao longo

alpendres: pegou o fogo no taboado; e como refrescava, em breve se ateou por tudo. Acudiu o P. Fr. Bartholomeu de Azevedo, que era Provedor; e vendo o lastimoso espectáculo, em que hiaõ ardendo os enfermos, que se não podiaõ bulir, entrou pelas chamas, e, aonde ouvia gemer, acudia, e tirou à mais de 30 aos ombros, e como podia. E como o fogo queimasse o habito ao Padre, o circilio, as pestanas e sobrançelhas, e lhe crestasse as mãos e rosto, lhe acudiu Fr Domingos do Juíza, que era Cirurgiaõ, e o reformou d'habitos, e lhe poz alguns defensivos: e assim tornou a fazer muitas entradas pelo fogo para salvar os que de la gritavaõ, que lhe sacudissem, e não havia quem por ser de noute» (Frei Domingos VIEIRA, *Diccionario dos Varõs Illustres em Letras e Virtudes, que floreceraõ nesta Provincia de Portugal dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho*. 1837, S.M.N.S.C., Ms. n.º 131, fl. 43-43v).

²⁷ Barbosa Machado fornece a indicação da existência desta obra acrescentando tratar-se, juntamente com um volume de *Sermões Vários*, de um volume de «justa grandeza» (*op. cit.*, I, p. 459).

²⁸ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, fl.20v.

²⁹ A.N./T.T., Ms. da *Livraria*, n.º 865. Trata-se de um volume encadernado em pergaminho com 283 folios, sendo que a seguir ao fl. 185 surge, com outra numeração, uma outra obra do mesmo autor para a qual até agora não tínhamos encontrado qualquer referência e que se reveste da maior importância por refletir o cuidado que pretendia imprimir-se á formação dos religiosos: *Manual de noviços e concelhos para os que entraõ em a religiaõ a seruirem a Deos nosso S. Collegido de diuersos autores pelo padre f. Bertholomeu de azeuedo Diffinidor da ordem dos Eremitas de S. Agustinho*. 1632. A encerrar este manual, no fl. 98, pode ler-se

de 185 fólhos, nele pode visitar-se, dividida em vários capítulos, uma narrativa exclusivamente centrada na “antiguidade” da Ordem, concorrendo assim para um movimento que procurava fixar a origem histórica dos Eremitas de Santo Agostinho na figura do Patriarca de Hipona, uma preocupação central que se pode considerar ter gerado mesmo uma espécie de tradição detectável também, entre outros como assinalaremos, em Frei Aleixo de Meneses que assegura que «o princípio desta nossa religião foi no anno de 388»³⁰

Na mesma época referencia-se ainda, da autoria de Frei Manuel da Conceição³¹, um texto relativo às origens e antiguidade da ordem: *Discurso Sumário da fundação e antiguidade da Ordem de S Agostinho, e da sua continuidade ate o tempo presente*³².

seguinte anotação: «Esta obra acabou o P.e Frey Bertholomeu de Azeuedo em o 2º dia de Outubro do anno de 1631: e na qual se se achar algũa cousa que será contra nossa santa fe ou dissonante, e contra os bons e louuauens costumes desde agora me des digo della e me so metto acorreição da santa madre Igreja catholica como filho que sou seu obedientíssimo em todo qual me [?] . Frey Bertholomeu de Azeuedo». No final do códice, em folio não numerado é apresentado o «Índex de todos os capítulos que se contem nestas annotações da 2ª, 3ª e 4ª parte desta chronica».

A preocupação com a reunião em volume de assuntos dispersos por diversas obras parece ter sido um preocupação deste autor, como o demonstra outra obra sua intitulada *Relação breve de alguns Santos de Espanha e Portugal, cujas historias se não podem achar inteiras por livros, e foraõ tiradas de Livrarias antigas, e varias relações*. Deste texto que também permaneceu na forma manuscrita, e contava 202 folhas (Diogo Barbosa MACHADO, *op. cit.*, I, p. 459), não conhecemos a data de elaboração nem sabemos sobre que personalidades versava. Porém, será admissível a possibilidade de ter pretendido compilar uma colecção de memórias relativas a religiosos agostinhos pois nesta época estavam já em circulação impressa as monumentais colecções hagiográficas mandadas imprimir em 1513 por D. Manuel (*Flos Sanctorum em lingoagẽ portugues* e o *Livro e legenda que fala de todos os feitos e paixões dos santos mártires em lingoagem portugues*) a que se seguiu, em 1567, da autoria de Frei Diogo do Rosário a primeira edição do seu *Flos Sanctorum*. Em 1598 tinha também já passado pelos prelos *Flos Sanctorum* de Alonso Villegas traduzido para português por Simão Lopes.

³⁰ A.N./T.T., Ms. da *Livraria*, n.º 581, fl. 1v.

³¹ Natural de Lisboa, filho de Álvaro Perez de Andrade, comendador de S. Pedro Torres Vedras, e de D. Guiomar Henriques de Castro. Sobrinho do teólogo Diogo Paiva de Andrade e de Frei Tomé de Jesus. Professou na sua terra natal a 6 de Março de 1563. Concluídos os estudos partiu para Roma onde ensinou “Ciências Escolásticas”. De regresso a Portugal, foi nomeado pregador de Filipe II e III. Por duas vezes foi prior do convento da Graça de Lisboa, sendo eleito provincial no capítulo de Vila Viçosa de 1592. Morreu em 1624 no convento de N. Srª da Penha de França (Diogo Barbosa MACHADO, *op. cit.*, III, pp. 224-225; S.M.N.S.C., Ms. n.º 131, fls. 137v-138)

³² Esta obra é referenciada por Barbosa Machado (*op. cit.*, III, p. 225) e por Frei Domingos Vieira (S.M.N.S.C., Ms. n.º 131, fl 138), ambos atestando terem contactado directamente com o manuscrito na Livraria do Convento da Graça, em Lisboa.

A primeira crónica que passou pelas oficinas dos tipógrafos foi pois, como já referido, a de Frei António da Purificação³³, sendo publicada em duas partes em 1642³⁴ e 1656³⁵.

Incumbido em 1633 de compor uma crónica da Província de Portugal³⁶, o projecto inicial previa a existência de quatro tomos: o primeiro desde a fundação da Província até ao ano de 870; o segundo, contemplando a história da reforma protagonizada por Frei Luís de Montoya e Frei Francisco de Vila Franca, abrangeria o período compreendido entre aquela data e o ano de 1569; o terceiro iria até ao ano de 1636; o último trataria apenas da presença da Ordem na Índia Oriental, desde a fundação da Congregação, em 1572, até ao tempo da elaboração da crónica³⁷. Contudo a obra ficaria incompleta, sendo apenas publicadas as duas primeiras partes, não indo a segunda além do ano de 1422, uma data criteriosamente escolhida para encerramento do volume por ser a que a tradição hagiográfica, aqui definitivamente fixada, assinalou como sendo a da morte do Beato Gonçalo de Lagos, religioso agostinho português que antes de qualquer reconhecimento oficial de Roma beneficiou, pelo menos em Lagos e Torres Vedras, notória fama de santidade.

A composição da terceira parte foi ainda iniciada pelo cronista e, na forma manuscrita, terá mesmo alimentado a investigação desenvolvida por Jorge Cardoso na produção do seu *Agiologio Lusitano* a propósito de uma relíquia do Santo Lenho existente no mosteiro de Cete³⁸. Todavia se chegou

³³ Filho de Pantaleão Freire e Mariana Ferreira, nasceu no Porto na freguesia de S. Nicolau. Professou no convento de Évora a 10 de Fevereiro de 1617 ganhando notoriedade devido à sua dedicação à história da Província Portuguesa dos Eremitas de Santo Agostinho. Morreu em 19 de Abril de 1658, sendo reitor da Igreja de S. João da Foz (Gregorio de SANTIAGO VELA, no *Ensayo de una Biblioteca Ibero-Americana de la Orden de San Agustin*, vol. VI, Madrid, Imp. del Asilo de Huerfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1922, pp. 419-420).

³⁴ *CHRONICA DA / ANTIQVISSIMA / PROVINCIA DE PORTV- / GAL DA ORDEM DOS EREMITAS / de S. Agostinho Bispo de Hipponia, & principal / Doutor da Igreja. / PARTE PRIMEIRA / A serenissima, & muito Catholica S. D. LVIZA Rainha de Portugal [...] / POR FREY ANTONIO DA PURIFICAÇAM / PORTUENSE / filho, & Chronista da mesma Prouincia, & nella Visitador absoluto; & Ley- / tor de Theologia jubilado. / Em Lisboa. Com licença. Por Manuel da Sylua. an. 1642.*

³⁵ *CHRONICA DA / ANTIQVISSIMA / PROVINCIA DE PORTV- / GAL DA ORDEM DOS EREMITAS / de S. Agostinho Bispo de Hippônia, & principal / Doutor da Igreja. / Com hũa addição no cabo: na qual se responde aos principaes / lugares da Benedictina Lusitana. / PARTE SEGVNDA / AO EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO / Senhor Cardeal Ioaõ Baptista Palloto. / POR [...] / Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno de 1656.*

³⁶ Frei António da PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, I, fl.20v.

³⁷ *Idem, ibidem*, fl. 22.

³⁸ «Quando se tira do Sacrário para algũa necessidade, he tal a fragrância, que excita as almas deuotas à suauidade da glória. Escreue delle o P. Fr. António da Purificação na 3.p. da Chron. Desta Prouincia, que inda não saio a luz» (Jorge CARDOSO, *op. cit.*, Tomo III, Lisboa, Off. de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666, p. 54).

efectivamente a ser escrita por forma a constituir um *corpus* organizado, ainda que incompleto, nada parece ter sobrevivido ao tempo, sendo no entanto de salientar que no inventário da biblioteca de Jorge Cardoso não se descobre qualquer título que sugira a sua existência³⁹. Provavelmente tratar-se-ia de um conjunto de anotações autógrafas como as que se podem encontrar depositadas no Manuscrito da *Livraria* n° 673, na Torre do Tombo, volume com memórias várias relativas à Província Portuguesa em que é possível, ora encontrar uma estreita semelhança de algumas partes com o texto impresso da crónica, ora um conjunto de anotações referente ao período cronológico da projectada terceira parte. Sustenta ainda esta hipótese o facto de, como mencionaremos, algum tempo mais tarde Frei Manuel Leal se ter proposto, embora sem levar esse projecto a bom termo, continuar a obra daquele cronista⁴⁰. Assim, dadas as inúmeras referências que Frei António da Purificação ao longo das duas primeiras partes faz dos assuntos que desenvolveria nessa terceira, é de admitir a possibilidade de Jorge Cardoso ter frequentado alguns dos textos que, com maior ou menor grau de organização e certamente ainda avulsos, foram produzidos pelo cronista agostinho.

Ainda na segunda metade de seiscentos descobre-se, numa das obras de Frei Manuel Leal⁴¹, *Crysol Purificativo...*, a notícia de uma tentativa, também não levada a bom porto, de continuação da referida segunda parte da crónica impressa em 1656.

«Aqui se descobrio no anno de 1515 o corpo do nosso glorioso S. Thadeo, filho que foi desta Província, o qual avendo estado exposto as inclemências do tempo muitos annos sem lezaõ alguma na carne, nem no habito, o recolheraõ os Mouros denro de hum cercado, a que oje assistem por ordem do Governador da terra, quatro soldados de guarda cõ salário publico, përa que lho nam furtem os Christaõs; & he tradiçam entre elles, que aquelle santo há de resucitar, përa pregar a ley que guardou em vida, ao qual chamam o Santo Agostinho, por o verem com o mesmo habito, que o nosso Patriarca trouxe,

³⁹ Cf. Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *A biblioteca de Jorge Cardoso (1669), autor do Agiologio Lusitano. Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.

⁴⁰ Cf. Frei Manoel LEAL, *Crysol Purificativo, em que se apura o monacato do Grande Patriarca e Doutor Principal da Igreja S. Agostinho; e a Sucessam Continuada da Ordem Eremítica, que instituiu em Africa; & seus Dicipulos introduziraõ nesta Província Lusitana*, Lisboa, na Officina de António Rodrigues D'Abreu, 1673, p. 58.

⁴¹ Filho de António Luís de Barros e Ana Leal, nasceu em Arrifana de Sousa, vila pertencente ao Bispado do Porto. Professou no convento de Évora a 12 de Janeiro de 1642, tendo então cerca de 20 anos. Doutorou-se em Teologia e na Universidade de Bordeaux e, de regresso à pátria, foi nomeado cronista da Ordem (Diogo Barbosa MACHADO, *op. cit.*, III, p. 293).

conforme suas tradiçoens, de que trato largamente na terceira parte da Crónica desta Província»⁴².

Se este excerto conduz à ideia de que a referida terceira parte da crónica estaria concluída, um outro, esclarecendo pelos tempos verbais utilizados que a dita crónica não estava ainda concluída, confirma o insucesso da nossa procura em diversas colecções documentais:

«Em a mesma Cronica mostrarei o indefesso cuidado, com que os Prelados desta Provincia mandavam religiosos a Africa a fundar Mosteiros, quando tratar da vida do Santo varaõ Frey Pedro Sanches»⁴³.

O insucesso de vários autores na fixação de uma memória historiográfica da Provincia de Portugal estendeu-se até ao séc XIX, encontrando-se plasmado nas palavras com que Frei Domingos Vieira abre o *Catalogo dos Piores Provinciaes...*, escrito já numa altura em que Igreja e liberalismo assumiam posições progressivamente extremadas, anunciando já tempos difíceis para as ordens religiosas:

«Vendo-me junto dos Cartórios do Convento da Graça de Lisboa e do da Província, no principio do triennio de 1832, lembrei-me d'ajuntar alguns materiais para continuar a historia das cousas desta Província de Portugal, donde as deixou o P. M. Fr. António da Purificação. Levava nisto dous fins, da minha instrução particular, e de ver se por este modo estimulava a mui fea e culpável negligencia dos nossos Chronistas modernos, os quaes, sendo eleitos em Capitulo constantemente, vai por hum século, que naõ escreveraõ huma linha acerca da sua Corporaçãõ. Porquanto julgava eu, que, à vista das achegas para o edificio promptas e juntas, naõ faltaria entaõ quem se determinasse a levanta-lo, tendo menos que lutar com a sua preguiça, ou indifferença pelas suas próprias cousas»⁴⁴.

Além desta listagem de provinciais organizada de acordo com um critério cronológico, este autor concluiu ainda em 1836 uma *Geografia Particular na qual se dá noticia da fundação dos Conventos da Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho desta Província de Portugal e Conquistas e de Suas Missoes Ultramarinas*⁴⁵ e, em 1837, um *Diccionario dos Varoës Illustres em Lettras e Virtudes, que floreceraõ nesta Província de*

⁴² Frei Manoel LEAL, *op. cit.*, p. 58.

⁴³ *Idem, ibidem*. Este curto excerto poderá igualmente mostrar que o modelo cronístico de Frei Manuel Leal permanecia próximo do das narrativas edificantes e hagiográficas que se situam na tradição da *Legenda Áurea*.

⁴⁴ Fr. Domingos VIEIRA, *Catalogo dos Piores Provinciaes* [...], S.M.N.S.C., Ms. n.º 129, fl. 4.

⁴⁵ S.M.N.S.C., Ms. n.º 130.

*Portugal dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho*⁴⁶, obras cujo carácter tardio merece que lhes prestemos especial atenção, não só por nelas serem reunidas informações dispersas em várias colecções documentais, algumas das quais eventual e irremediavelmente perdidas, como também pelos inúmeros elementos que fornecem, deixando adivinhar que ao longo do tempo os Agostinhos, salvo casos pontuais, por vezes resultantes de esforços individuais, nem sempre revelaram grande preocupação na preservação e organização de registos escritos que pudessem alimentar a fixação de uma narrativa da sua própria história.

A encerrar...

A historiografia dos Agostinhos portugueses parece pois marcada por uma colecção de “insucessos” ainda não cabalmente esclarecidos. Vicissitudes como a morte dos autores, o canalizar das energias criadoras para outras temáticas que, sobretudo em tempos de reforma, se afiguraram certamente mais relevantes para a afirmação de uma espiritualidade ou, em última análise, a desesperante falta de elementos e registos escritos, poderão ser algumas das razões apontadas.

As determinações tridentinas, perseguindo mecanismos que possibilitassem um maior e mais eficaz controlo social, impuseram às instituições eclesiásticas modelos de organização administrativa, estabelecendo a criação de um conjunto de registos escritos como, por exemplo, os registos de baptismo, das confissões, das esmolas e legados pios, etc. As recorrentes dificuldades manifestadas pelos diversos autores quando procuraram elementos para a história da Província de Portugal parecem sugerir que os Agostinhos portugueses não lograram consolidar uma engrenagem administrativa suficientemente eficaz para alimentar a organização de uma memória histórica. Consolida esta hipótese explicativa o carácter lacunar das informações que na terceira década do século XVIII foram oferecidas ao questionário preparado após a criação da Academia Real da História Portuguesa que, tendo em vista a recolha de dados acerca de Coimbra, Faro, Viseu, Évora, Braga e Leiria, se destinava a coligir elementos para uma história eclesiástica e profana das dioceses do reino⁴⁷ e foi, em 1722, enviado para os priores de diversos conventos por Frei José de Santo António, então vigário provincial⁴⁸

⁴⁶ S.M.N.S.C., Ms. n.º 131.

⁴⁷ Em 1732 seria preparado um outro questionário mais completo abrangendo todos os espaços do reino (Sobre o historial das chamadas Memórias Paroquiais veja-se Joaquim

Constitui excepção a preservação da memória relativa à acção missional em espaços ultramarinos. Para esses espaços do além-mar, como trataremos noutra local, vários foram os autores⁴⁹ que, sob a forma de crónica ou de relação, nos legaram fundamentais informações sobre os múltiplos aspectos da evangelização nos múltiplos territórios do Estado da Índia. Contudo, porque a impressão de um livro era cara e não raras vezes só se tornava possível quando custeada pelo mecenato régio ou por pessoas de considerável relevo social, a maior parte dessas obras não chegou a ser impressa. Disso é exemplo paradigmático, por se tratar da primeira crónica relativa à acção missional dos Agostinhos no Estado da Índia, o caso da obra de Frei Félix de Jesus, cuja publicação, apesar de acarinhada pelo provincial⁵⁰, só viria a acontecer em 1967 pela mão de Arnulf Hartmann⁵¹.

Romero MAGALHÃES in *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (dir. de Carlos Moreira Azevedo), Vol J-P, *sub verbo* «Memórias Paroquiais», Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 193-194).

⁴⁸ Cf. A.N./T.T., Ms. da *Livraria* n.º 673, fls. 272-273v.

⁴⁹ A título de exemplo, refiram-se os nomes de Frei Félix de Jesus, Frei Agostinho de Azevedo, Frei António de Morais, Frei Manuel da Assunção, Frei Ambrósio dos Anjos, Frei Domingos do Espírito Santo, Frei Belchior dos Anjos, Frei Sebastião de Jesus, Frei Diogo das Neves, Frei Sebastião Manrique, Frei Simão da Graça (do qual estamos já a preparar uma edição do texto manuscrito intitulado *Liuro segundo Da origem, extençaõ, e propagaçam da Religiaõ dos Eremitas de N. P. S. Aug^o, pellas terras destas partes Orientaes*, obra repartida em 53 capítulos) Frei António de Gouveia, Frei Manuel da Purificação ou, mais próximo do nosso tempo, Frei Manuel da Ave Maria.

⁵⁰ Carta de Frei Egídio da Apresentação para Frei Agostinho de Jesus escrita em Coimbra no dia 25 de Março de 1608: «[...] Pelo q V. S. me escreueo da inuernada q h_a carta minha teue no nosso mosteiro do porto, tenho entendido q lhe ão seriaõ dadas outras q tambem escrevi, e a sustancia de todas q por hora mais importa se aceitar a m. q V. S. faz de mandar traduzir em Castelhana o liuro do p.e fr. Felix p^a q pois a V S parece digno de se imprimir se possa loguo por em effeito neste ueraõ, iuntamente cõ o q eu vou imprimindo por ão se perder esta coniuençaõ taõ boa pello q peço por particular m. a V S sendo possiuel darsse nisso a pressa o q o traduz de maneira q o possa eu leuar a Capitolo, aonde os Prelados me obrigaõ air, contra minha uontade p^a q loguo se façaõ as diligencias , assi pello sancto officio, como no paço q saõ necessarias p^a se poder imprimir [...]» (Arquivo Distrital de Braga, *Gaveta das Cartas*, n.º 370).

⁵¹ Arnulf HARTMANN, «The augustinians in Golden Goa, according to a manuscript by Felix of Jesus, O. S. A.», in *Analecta Augustiniana*, Roma, XXX, 1967, p. 5-174.